

O avesso e o direito da escritura camusiana

Por Samara Fernanda A. O. de Lócio e Silva

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a Cláudia Amigo Pino

Camus, sempre que se referia a sua obra, costumava dividi-la por ciclos: absurdo, revolta e amor. É interessante notar que o primeiro ciclo sempre se iniciava por *L'Étranger*, narrativa publicada em 1942 na França. No entanto, a escritura de Camus se inicia pelo menos dez anos antes: são textos curtos sobre arte e música que ele publica em uma revista, pequenas narrativas, dois projetos de romance e finalmente duas reuniões de ensaios que ele publica ainda Argélia¹.

A pergunta que se coloca é porque Camus nunca se referia a esses textos e nem os incluía em nenhum ciclo. A verdade é que muitos deles só se tornaram conhecidos depois da morte do autor. *L'Envers et L'Endroit* (1937), por exemplo, é seu primeiro livro publicado e permanece desconhecido do grande público até 1958, quando recebe uma reedição: nela Camus insere um prefácio em que reflete principalmente sobre sua escritura. Ele identifica *L'Envers et L'Endroit* como a fonte de tudo o que escrevera posteriormente. Esses ensaios, por sua vez, se alimentam de textos anteriores, escritos entre 1933 e 1934. Esses textos não são incluídos em nenhum ciclo, pois eles são a fonte, tanto de um aprendizado de escritor - entre seus êxitos e seus fracassos - quanto sua fonte temática.

L'Envers et L'Endroit é composto por cinco ensaios: “L'Ironie”, “Entre oui et non”, “La Mort dans l'âme”, “Amour de vivre” e “L'Envers et L'Endroit”. Neles, como já indicam os títulos se alternam luz e sombra, vida e morte, amor e desespero, enfim, o avesso e o direito do mundo. Entre esses opostos, o narrador se recusa a escolher. Em uma nota de trabalho para o texto podemos ler: “Mettre en présence désespoir secrète et amour de la vie. /.../Les unir et les concilier dans l'absurde. Avec mer et soleil magnifique au-dèla. Absurde. Absurde.” (CAMUS, 2006, p. 1215) O avesso e o direito constituem uma verdadeira poética que não cessará de aparecer nas obras posteriores de Camus. Nosso objetivo é analisar como essa poética é central para a escritura de *L'Étranger* estabelecendo uma relação com o ensaio “La Mort dans l'âme”.

¹ Cf. VIALLANEIX, Paul *Écrits de Jeunesse d'Albert Camus* Paris: Gallimard, 1973.

A narrativa de “La Mort dans l’âme” nasce principalmente da experiência de viagem que Camus empreende em 1936 para a Tchecoslováquia e Itália. O texto se divide em duas partes descrevendo o avesso e o direito dessa experiência: a primeira se passa em Praga e a segunda em Vicenza.

A divisão do texto em duas partes também é feita em *L’Étranger*: a primeira dá conta da vida de Meursault até o assassinato, enquanto a segunda trata de seus dias na prisão, seu julgamento e sua condenação, respectivamente seis e cinco capítulos. Essa divisão parece não ter sido gratuita, já que podemos observar em *La Mort Heureuse* uma divisão semelhante. As duas partes são nomeadas como “Mort Naturelle” e “Mort Consciente”: a primeira trata a vida de Meursault e o assassinato que ele comete e a segunda nos narra suas viagens, o gozo que ele tem em se aproveitar do dinheiro que roubou e finalmente sua própria morte. Nesse caso, a opção por separar o texto em duas partes foi tardia, já que os planos para o livro previam sempre três partes, estrutura que acaba se transferindo para *L’Étranger*: “I^{re} Partie – Sa vie jusque-là/II^e Partie – Le Jeu/III^e Partie – L’abandon des compromis et la vérité dans la nature.” (CI, 1962, p.62)

O fato é que as duas narrativas conservam a ideia de uma primeira parte em que a vida prosaica do personagem é narrada e uma segunda em que há uma reconciliação na relação do homem com o mundo.

Em *L’Étranger* essa estrutura bipartida é sustentada por um grande número de paralelismos e oposições. Podemos citar o paralelo estabelecido entre os velhos do asilo e o público no tribunal: “J’ai eu un moment l’impression ridicule qu’ils étaient là pour me juger.” (CAMUS, 1996, p.15) Entre o quarto e a cela de Meursault: “j’ai senti que j’étais chez moi dans ma cellule et que ma vie s’y arrêtait.” (CAMUS, 1996, p.73) Entre os personagens que aparecem na primeira parte e reaparecem na segunda, entre as ações sem ressonâncias da primeira parte, mas que reaparecem no julgamento como agravantes.

A principal oposição a ser citada é entre um fora e um dentro: as praias argelinas e a prisão. É precisamente nesse ponto que “La Mort dans l’âme” prefigura a estrutura de *L’Étranger*. As duas partes do ensaio marcam não somente uma mudança de lugar, mas de tempo e estado do narrador, que segundo Lévi-Valensi (2006, p.396), passa de um sentimento de angústia a uma abertura para a alegria.

Em Praga o narrador experimenta a angústia da falta de dinheiro e de não entender a língua do país. Ele descreve a sensação de se sentir vazio, nauseado: “Et toujours cette pointe douloureuse en moi et le ventre serré.” (CAMUS, 2007, p.78) Os

cheiros de Praga lhe incomodam e a imagem da morte o persegue em cada rua: “le parfum aigre et piquant réveillait mon angoisse” (CAMUS, 2007, p.83) É interessante notar que Meursault também se sentirá assim na prisão: “Je promenais toute la journée une nausée perpétuelle.” (CAMUS, 1996, p.78)

Mas o principal sentimento despertado pela viagem é o de se sentir estrangeiro: “Ville dont je ne sais pas lire les enseignes, caracteres étranges où rien de familier ne s'accroche” (CAMUS, 2007, p.81) O sentimento de estranheza despertado em Meursault não fará referência a uma cidade, mas ao julgamento, do qual ele se sente alheio.

Praga representa para o narrador um mundo fechado onde o homem se encontra diante de si mesmo: “seul dans ma chambre d'hôtel, sans argent et sans ardeur, réduit à moi-même et à mes misérables pensées.” (CAMUS, 2007, p.79) O que nos remete para a solidão de Meursault encerrado em sua cela: “personne ne peut imaginer ce que sont les soirs dans les prisons” (CAMUS, 1996, p.81) que como Praga era escura: “Ma cellule était plus calme et plus sombre” (CAMUS, 1996, p.74). Por isso o principal sentimento descrito por Meursault é o mesmo do narrador do ensaio: a nostalgia. Essa nostalgia é descrita em *Le Mythe de Sisyphe* como um desejo de unidade com o mundo. Esse mundo é o Mediterrâneo: “Alors je pensai désespérément à ma ville, au bord de la Méditerranée, aux soirs d'été que j'aime tant, très doux dans la lumière verte et pleins de femmes jeunes et belles.” (CAMUS, 2007, p.86) Meursault experimenta o mesmo sentimento ao longo de seu julgamento:

J'ai été assailli des souvenirs d'une vie qui ne m'appartenait plus, mais où j'avais trouvé les plus pauvres et les plus tenaces de mes joies: des odeurs d'été, le quartier que j'aimais, un certain ciel du soir, le rire et les robes de Marie. (CAMUS, 1996, p.105)

Na primeira parte Meursault está livre e goza dos prazeres do Mediterrâneo: o sol e o mar das praias argelinas. Essa experiência de estar em unidade com o mundo é descrita na segunda parte do ensaio, o narrador deixa Praga e se dirige para a Itália: “À Prague, j'étouffais entre des murs. Ici, j'étais devant le monde” (CAMUS, 2007, p.92) A Itália, banhada pelo Mediterrâneo é uma terra feita na medida de sua alma: tudo lá é pretexto para amar sem medidas.

No entanto, a segunda parte do ensaio se refere ao mesmo tempo a primeira parte de *L'Étranger* quanto ao seu fechamento. Em “La Mort dans l'âme” o narrador experimenta o absurdo: “J'avais besoin d'une grandeur. Je la trouvais dans la confrontation de mon désespoir profond et de l'indifférence secrète d'un des plus beaux paysages du monde.” (CAMUS, 2007,p.94) Sentimento que prefigura aquele descrito em *Le Mythe de Sisyphe*: “L'absurde naît de cette confrontation entre l'appel humain et le silence déraisonnable du monde.” (CAMUS, 2008, p.46)

Da mesma forma, diante de sua condenação à morte, Meursault se reconcilia com o mundo ao descobrir o absurdo:

Des odeurs de nuit, de terre et de sel rafraîchissaient mes tempes. La merveilleuse paix de cet été endormi entrainait en moi comme une marée. A ce moment, et à la limite de la nuit, des sirènes ont hurlé. Elles annonçaient des départs pour un monde qui maintenant m'était à jamais indifférent. (CAMUS, 1996, p.121)

Dessa forma, notamos que a poética do avesso e do direito se encontra em *L'Étranger* tanto estruturalmente (na divisão de duas partes, contrapondo o mundo, a liberdade e a inocência, à prisão, à condenação e à descoberta do absurdo) – quanto tematicamente (a natureza é ao mesmo tempo um lugar de comunhão e de divórcio). Nessa narrativa, Camus também se recusou a escolher entre esses opostos. Nisso reside toda a ambiguidade de *L'Étranger*, onde podemos ler ao mesmo tempo o lirismo de *Noces* e o absurdo de *Le Mythe de Sisyphe*. Essa poética do avesso e do direito é fundamental tanto para a escritura quanto para leitura de *L'Etranger*: “Le sens du livre tient exactement dans le parallélisme des deux parties.” (C I, 1962, p.30)

Bibliografia

CAMUS, Albert *Carnets I 1935-1942* Paris : Gallimard, 1962.

_____ *Le mythe de Sisyphe : essai sur l'absurde* Collection Folio Essais Paris: Gallimard Paris: Gallimard, [1942] 2008.

_____ *La mort heureuse* In: Cahiers Albert Camus I, Paris: Gallimard, 1971.

_____ *L'envers et l'endroit* Collection Folio Essais Paris: Gallimard, [1958] 2007.

_____ *L'étranger* Paris: Gallimard, [1942] 1996.

_____ *Noces* Collection Folio Paris: Gallimard, [1938] 2008

_____ *Œuvres Complètes I 1931-1944* Bibliothèque de la Pléiade Paris :
Gallimard, 2006.

LÉVI-VALENSI, Jacqueline *Albert Camus ou la naissance d'un romancier* Paris:
Gallimard, 2006.